

Mercado mundial de insumos: milho e soja

Com a demanda mundial aquecida e os estoques mais restritos, espera-se mercado bastante volátil em termos de cotação para milho e soja ao longo do ano.

Luiz Antonio Aguiar de Oliveira, Glauco R. Carvalho e Denis Teixeira da Rocha

Desde meados do ano de 2019, os produtores de leite têm observado forte elevação dos preços de insumos, principalmente milho e soja. No geral, os vários fundamentos que sustentam tal condição são aplicáveis às duas commodities, podendo destacar o aumento do consumo global, com forte demanda da China, e a desvalorização do real frente ao dólar, que deixou o produto nacional mais barato internacionalmente, estimulando as exportações.

Além disso, entram na conta os problemas climáticos que atrasaram o plantio e a colheita no Brasil e a produção dos Estados Unidos menor que a projetada inicialmente, associados aos baixos estoques mundiais. Completando, a desvalorização do dólar frente a outras moedas, que contribuiu para incremento generalizado dos preços das commodities no mercado internacional.

A produção mundial de milho na safra 2020/21, segundo estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), crescerá 1,84%,

aumentando o consumo em cerca de 1,9%. O reflexo é queda esperada na relação estoque/consumo para cerca de 24,6%, que equivale a aproximadamente 90 dias de consumo global (figura 1).

No mercado de soja, a situação é similar, com recuo nos estoques globais e demanda que segue firme. Com isso, a relação estoque/consumo deve cair pela segunda safra consecutiva, atingindo cerca de 23,5% na safra 2020/21, equivalente a 85 dias de consumo global (figura 2).

A situação do abastecimento é ainda mais complicada quando se analisa o caso dos Estados Unidos, que apresentaram forte declínio nos estoques finais de milho e soja. Analisando o ano safra 2020/21, em que os resultados estão praticamente consolidados, verifica-se relação estoque/consumo de milho de 11,17%, a menor dos últimos cinco anos e que corresponde a apenas 40 dias de consumo (figura 3). O volume de estoque recuou de 48,7 milhões de t em 2019/20 para 34,3 milhões de t, em 2020/21.



Estoques de soja dos EUA recuaram de 14,2 milhões de t para apenas 3,3 milhões de t nas duas últimas safras

Foto: Arquivo BB

FIGURA 1 - MILHO: RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO MUNDIAL NAS SAFRAS 2016/17 A 2020/21 (EM %)

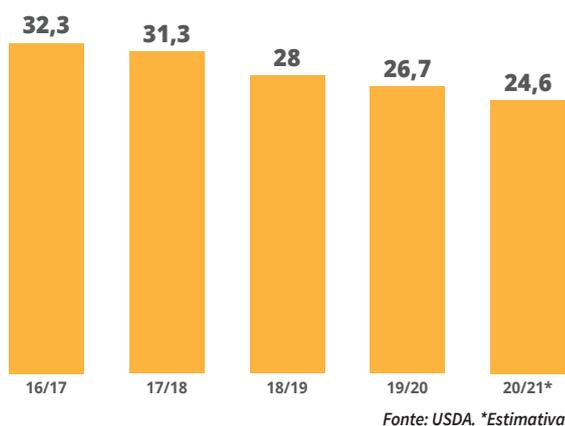


FIGURA 2 - SOJA: RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO MUNDIAL NAS SAFRAS 2016/17 A 2020/21 (EM %)

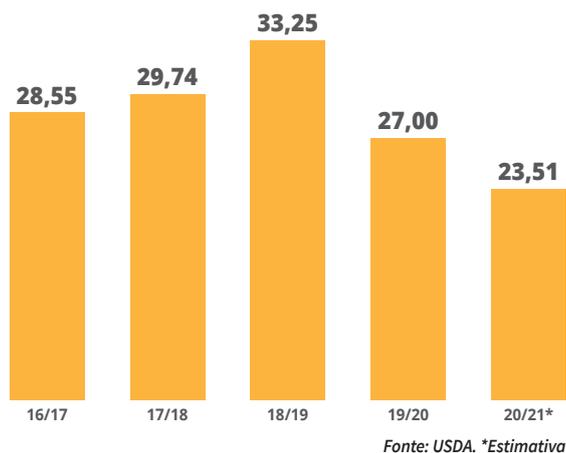


FIGURA 3 - MILHO: RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO NOS EUA SAFRAS 2016/17 A 2020/21 (EM %)

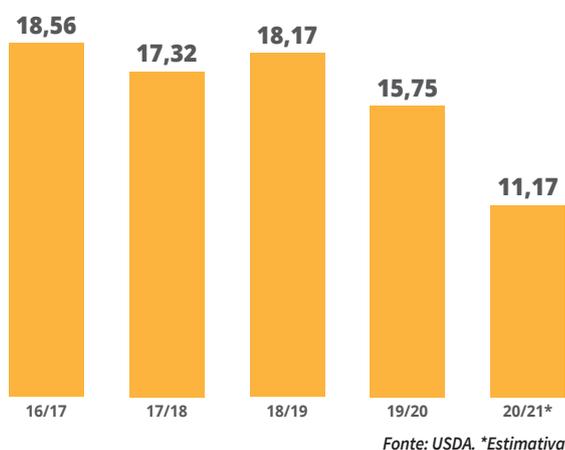
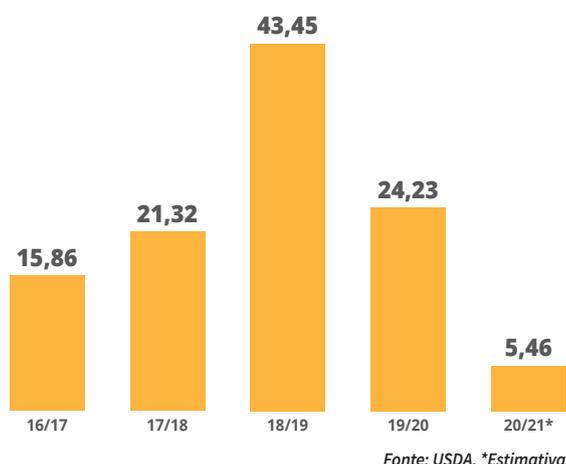


FIGURA 4 - SOJA: RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO NOS EUA SAFRAS 2016/17 A 2020/21 (EM %)



NO BRASIL, SAFRAS DE MILHO E SOJA MAIORES QUE ANTERIORES

No caso da soja em grão, os estoques são ainda mais apertados, com a relação estoque/consumo de 5,46%, representando apenas 20 dias de consumo (figura 4). Em volume, os estoques de soja recuaram de 14,2 milhões de t para apenas 3,2 milhões, nas últimas duas safras. Portanto, é de fato um volume historicamente baixo em termos de estoques, que tem pressionado as cotações globais das commodities.

Para a próxima safra norte-americana, cujo plantio se iniciou em abril/2021, o USDA divulgou relatório de intenção de plantio sinalizando incremento na área de soja em 5,4% e de apenas 0,4% para milho. O resultado disso é que os estoques dos Estados Unidos tendem a continuar baixos ao longo da safra 2021/22 e talvez até na 2022/23.

No caso brasileiro, as estimativas são de boas safras para milho e soja. Nesta, a produção na safra

2020/21 deve ser recorde, estimulada pelo aumento de área e de produtividade. No caso do milho, apesar de algumas perdas de produtividade na safrinha, como reflexo do clima seco em algumas regiões que prejudicou o desenvolvimento das lavouras, a safra 2020/2021 também deve superar a safra anterior.

Entretanto, com a demanda mundial aquecida e os estoques mais restritos, pode-se esperar mercado bastante volátil para milho e soja ao longo do ano e com muita atenção voltada para o clima nos grandes produtores mundiais.

Nesse cenário, qualquer quebra de safra pode se refletir nos preços devido à situação de abastecimento atual. Assim, a tendência para os preços internos sugere patamares ainda altos, gerando desafios aos produtores de leite, suínos e aves, que têm a maior parcela de seus custos com o alimento concentrado.

Luiz Antonio Aguiar de Oliveira, analista; Glauco R. Carvalho, pesquisador; Denis Teixeira da Rocha, analista. Todos da equipe da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora-MG.